

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

Willian Gonçalves da Costa<sup>1</sup>



A autora do livro “História Concisa da Lingüística”, Barbara Weedwood, Neozelandesa; Doutora em Filosofia da Linguagem pela Universidade de Cambridge e pesquisadora nas áreas de História da Linguística Antropológica, abordou nesse livro em questão os estudos a respeito da linguagem, tornando assim maior interesse do leitor pelo desenvolvimento das fases atuais da linguística.

A obra expõe, através de abordagens historiográficas, um quadro completo dos períodos conhecidos dos estudos linguísticos e nos orienta sobre a definição do que é a linguística e o seu processo histórico. Através de uma linguagem didática e sucinta, podemos ver com minúcias, as aplicações analisadas pela autora da importância do desenvolvimento linguístico por todas suas etapas.

Na parte introdutória do livro, a autora nos indica as diferenças entre Filologia e Linguística, e faz bem a distinção dos estudos da gramática tradicional antes da Linguística como ciência. Mostrando-nos o campo da Linguística que é dividido em três dicotomias e introduzindo os estudos não ocidentais da língua. Conduzindo o leitor há uma melhor compreensão para os três seguintes capítulos do livro, que tratam: tradição ocidental, a Linguística do século XIX, e a Linguística do século XX.

No primeiro capítulo a autora nos leva a reflexão para as precisas considerações da importância de estudar os vários contextos históricos em que a língua se torna objeto de estudo, com o intuito de obter um quadro abrangente de como e por que a linguagem foi estudada no passado. Como na passagem que

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP, turma 2010/Inglês.

destacamos a seguir: “A história da linguística deve abranger todas as abordagens passadas do estudo da linguagem... Precisamos aprender a nos despojar de alguns dos postulados centrais de nossa visão de mundo do século XX e no lugar deles tentar incorporar alguns hábitos de pensamentos das pessoas de outros tempos...” (pp.18-19) Ressaltando que os períodos lingüísticos são complementares, ou seja, contribuíram e contribuem para o desenvolvimento do estudo científico da língua.

No segundo capítulo, “A tradição ocidental até 1900”, no diálogo de Platão, discute se a linguagem era fonte de conhecimento e/ou uma simples comunicação. Via-se no dialogo as etimologias das palavras e as oposições entre Crátilo e Hermógenes. Levando também as considerações de Aristóteles de como a linguagem era um meio de compreensão da realidade e acrescenta o estabelecimento da estrutura gramatical ocidental. Após esta fase, Weedwood mostra que o estabelecimento da nomenclatura iria influenciar os estudos romanos.

Ainda no mesmo capítulo, Bárbara comprova em sua pesquisa que algumas idéias gramaticais gregas foram filtradas pelos romanos através da teoria auto-suficiente, que restringia em estudar a frase isoladamente, percebendo a necessidade de estudar a frase em um contexto.

Depois de avaliar várias gramáticas existentes da época, a autora observa a preocupação em estudar a fala articulatória, a *littera*, tanto na Idade Média como em Roma. Mostrando que o interesse maior na Idade Média era, especificamente, a importância da fala no mundo e a gramática preparada para ensinar não-falantes da língua local.

No capítulo Renascentista a autora mostra os convergentes estudos diferenciais da linguagem particular e da linguagem universal. A primeira dedicava-se ao mundo natural que se concentrava nos fenômenos físicos da língua, aproximando-se das Ciências Biológicas, Matemática, Astrologia com todos seus métodos e resultados. Em consequência disso, houve um interesse no que existia de individual e particular da linguagem, aprofundando-se nos estudos da fonética e demonstrando que ela possuía suas próprias regras e gramáticas. Enquanto a linguagem universal desfruta de uma abordagem filosófica, racional e lógica.

Partindo da semântica e da morfologia que suplantaram a teoria *indo - cita* que afirma que a língua era descendente de um ancestral comum perdido.

Como mais um marco dos estudos científicos da língua, no capítulo “A Linguística no século XIX” aborda o desenvolvimento do método comparativo, o qual resultava que as línguas são sistematicamente comparadas levando em consideração os sistemas fonéticos, estruturas gramaticais e vocabulários com as contribuições dos estudos de Humboldt, um dos neogramáticos. Nas mudanças fonéticas dentro do método comparativo Barbara mostra as leis de Grimm relatando os sons da fala.

No viés do método comparativo do uso na reconstrução de formas antigas de uma língua, a reconstrução interna só viria ser desenvolvida no século XX com os estudos estruturalistas que vem ser tratada no último capítulo do livro, “A Linguística no século XX”, iniciada com Fernand de Saussure e com os americanos Boas, Sapir e Bloomfield abordando os estudos de Chomsky com a gramática gerativa transformacional e as reações a ela. Seguindo a escola de Praga e o Funcionalismo, o estudo pragmático e a menção ao trabalho de Bakhtin, a autora destaca a continuidade dos estudos a linguagem abordando vários ramos que se filiaram a todos os estudos e teorias ao longo dos séculos.

Barbara Weedwood através da leitura do seu livro nos dá informações essenciais sobre todas as etapas da linguística, muito procuradas por acadêmicos, professores, pesquisadores da área e curiosos por esse tema. Expondo um bom conhecimento e conseguindo explicar todo o processo do desenvolvimento da língua e da linguagem, oferece-nos uma base para compreender a maneira que a linguística é tratada atualmente.